



Pensando a História Ambiental em Pernambuco a partir dos escritos de Ulysses Lins de Albuquerque

Edson Silva*

A partir dos escritos de Ulysses Lins Albuquerque é possível pensar a História Ambiental em Pernambuco entre os fins do Século XIX e a primeira metade do Século XX. Nascido em 1889, filho de uma família de fazendeiros de Sertânia (Alagoa de Baixo) no Sertão pernambucano onde viveu a infância e parte da adolescência. Foi Tenente-Coronel da Guarda Nacional, Bacharel em Ciências Jurídicas pela Faculdade de Direito do Recife, funcionário público atuou como coletor estadual em várias comarcas também no Sertão do estado. Transferido para São Paulo em fins dos anos 1930, atuou como advogado. Foi eleito Deputado Constituinte pelo PSD em 1946 e Deputado Federal em 1950, exercendo seu o último mandato até janeiro de 1959. Bastante reverenciado como confrade pelos participantes da elite intelectual, era membro da Academia Pernambucana de Letras e sócio do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano. Fazendeiro, conhecedor e bem relacionado politicamente com e no universo dos coronéis no Sertão, pesquisou e escreveu a partir de leituras históricas para tecer considerações sobre a região, como porta voz exaltando a bravura dos primeiros colonizadores portugueses de onde era advinda sua própria família. Do seu lugar sociopolítico, defensor do progresso e da civilização dos sertões que considerava incultos, mas como um observador bastante arguto, publicou livros de poemas, genealogias, memórias, e narrativas. Onde descreveu com detalhes situações cotidianas, festas, pessoas e “tipos”, práticas sociais, os coronéis e famílias tradicionais da região, lugares e paisagens sertanejas pernambucanas. Em seus escritos encontram-se informações sobre os rios, as enchentes, as secas, estiagens prolongadas, a fauna e flora, as serras e as caatingas. Afirmou que “A agricultura do Moxotó é boi e bode”, tratando ainda do cultivo do algodão, da pecuária e das interações humanas com o Ambiente. Dos desmatamentos da caatinga provocados pelos fazendeiros para a fabricação de carvão, “queimando as últimas catingueiras e juremas dos taboleiros, nas glebas que ainda lhe restam”, quando não se respeitavam nem quixabeiras e os umbuzeiros “velhas árvores que durante séculos lhes vem dando sombra e frutos, sendo

*Doutor em História Social pela UNICAMP. Professor de História no CENTRO DE EDUCAÇÃO/Col. de Aplicação-UFPE/Campi Recife. Leciona no PROFHISTÓRIA/UFPE, no Programa de Pós-Graduação em História/UFPE (Campina Grande-PB) e no Curso de Licenciatura Intercultural Indígena na UFPE/Campus Caruaru, destinado a formação de professores/as indígenas. E-mail: edson.edsilva@hotmail.com



que a última ainda lhes oferece o tubérculo adocicado das raízes”. As narrativas e reflexões de Ulisses Lins Albuquerque favorecem leituras sobre as relações entre homens e mulheres em suas convivências históricas com o espaço do atual Semiárido nordestino.